

OURINHOS

A CIDADE DA GENTE

Sibélia Zanon

alunos e professores das escolas municipais

ilustrações de **Estúdio Rebimboca**



OURINHOS

A CIDADE DA GENTE

Sibélia Zanon

alunos e professores das escolas municipais

ilustrações de **Estúdio Rebimboca**



OLHARES

São Paulo 2025



É com satisfação que apresentamos *Ourinhos – A cidade da gente*, livro desenvolvido pelos estudantes da EMEF Professora Amélia Abujamra Maron e da EMEF Professor José Alves Martins em parceria com a Editora Olhares e CBA. Para que este sonho se tornasse realidade, contamos com a participação dos estudantes do 6º ao 9º ano das duas unidades escolares.

Esse projeto, que chamo intimamente de “viagem”, trouxe vida à nossa cidade sob a ótica diferenciada de quem nela vive, nossos estudantes do ensino regular e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Com isso, conectamos os “viajantes” ao ambiente urbano e histórico de sua cidade, estimulando-os à reflexão sobre arquitetura, espaço industrial, memória e transformação social.

O projeto “A Cidade da Gente” nos mostrou a riqueza de nosso município sob uma ótica diferente, com o apoio da população e do olhar de nossos alunos. Ao mapear memórias, espaços e histórias locais, os estudantes foram convidados a assumir uma postura investigativa, produzindo narrativas, imaginando transformações e expondo suas visões de futuro. E perceberam que as construções, as fábricas e os bairros não são estruturas distantes, mas parte integrante da vida de todos os ourinhenses; em particular, da vivência juvenil, que muitas vezes observa sem entender.

Ourinhos é um arquivo vivo. Documentos, objetos e relatos se cruzam como trilhos que ainda conduzem: linhas de trabalho, de festa, de luta e de afeto. Ao organizar estas páginas, buscamos menos um retrato posado e mais um filme em movimento – com entradas e saídas, com planos abertos e close no cotidiano. O leitor encontrará marcos e memórias: os tempos do café, o sopro do progresso, os encontros na escadaria da Fapi, o "Monstrinho" que guardou partidas e encontros, o museu que resgata vestígios para futuros possíveis. Que este livro sirva de ponte: entre quem fomos, quem somos e quem podemos escolher ser juntos. Que nossa história seja inspiração para outros viajantes que ainda não tiveram a oportunidade de realizá-la em suas cidades. Enquanto isso, eu os convido para embarcar em nossa viagem para Ourinhos – A cidade da gente.

Secretaria Municipal de Educação



SUMÁRIO

10	ESTAÇÃO CENTRAL
16	RIO PARDO
22	FEIRA AGROPECUÁRIA E INDUSTRIAL – FAPI
30	CENTRO COMERCIAL OURINHOS PLAZA
36	MUNDO DO TRABALHO – MEMÓRIAS DA EJA
44	BAIRRO JARDIM ITAMARATY
52	ESCOLA PROFESSOR JOSÉ ALVES MARTINS
58	CERÂMICAS
64	RIO PARANAPANEMA
72	HINO DE OURINHOS





Ourinhos é conhecida por sua terra roxa – solo de tom avermelhado, fértil e forte – chamada de “terra rossa” (terra vermelha) pelos colonos italianos. Na convivência entre línguas e culturas, o som de rossa virou roxa, e assim permaneceu. Essa terra foi cenário de grandes plantações de café, que fizeram a cidade crescer.

Ourinhos, no entanto, não tem seu nome inspirado em chão, mas em água. A cidade, que fica na divisa entre os estados de São Paulo e Paraná, carrega no nome uma homenagem ao antigo município paranaense chamado Ourinho, hoje conhecido como Jacarezinho. Ourinho é também o nome de um riacho que deságua no ribeirão Fartura, afluente do imponente rio Paranapanema.

Esse chão de café, banhado pelo Paranapanema, tem sua história profundamente entrelaçada com as águas que moldam a paisagem e a vida das pessoas. Às margens do rio, formaram-se memórias de lazer, trabalho, travessias e lendas – histórias que escorrem no tempo e permanecem vivas no imaginário da cidade. Assim como o Paranapanema, o rio Pardo também atravessa o território e a memória dos ourinhenses, imprimindo em suas margens outros tantos relatos de pertencimento.

A Ferrovia Sorocabana, que cruzou o interior paulista para escoar a produção de café e madeira, fez Ourinhos crescer e se transformar. A antiga Estação Central, com seus trilhos e apitos de trem, ainda ecoa na memória dos moradores mais antigos e desperta a curiosidade dos mais jovens, como um convite silencioso à descoberta do passado.

Saindo da sala de aula, estudantes da rede pública se lançaram pelo território, escutaram histórias, visitaram lugares e olharam com atenção para o espaço onde vivem. Descobriram que cada rua, cada rio, cada telha, cada cheiro e cada palavra dita pelos mais velhos guardam um pedaço precioso da identidade da cidade. Como as telhas, que juntas formam abrigo e proteção, esses fragmentos de história se unem para compor o aconchego de Ourinhos. Conhecer a própria cidade é, afinal, uma maneira de conhecer a si mesmo. Ourinhos é feita de terra, de água, de gente, de histórias – e agora também de páginas escritas por quem vive aqui e tem muito a contar.

ESTAÇÃO CENTRAL

EMEF Professora Amélia Abujamra Maron
Professores Jacqueline Barros Francisco, Luis Fernando Martins e Carla Cristina Diniz Silvestre
Sala 603

O que vemos, ouvimos, sentimos
e percebemos ao redor? Das
buzinas e do som dos passos aos
cheiros de madeira e óleo, tudo
é matéria-prima para nosso
jeito de ler o mundo.

Uma visita à antiga Estação
Ferroviária de Ourinhos levou
todos a um exercício imaginativo
sobre tantas chegadas e
partidas que já ocuparam as
plataformas e os corações.

O exercício de presença e
atenção durante a visita foi
como a entrada em uma
máquina do tempo.

Heloísa conta em poesia um pouco de suas impressões:

Cheguei à estação
Alegre e empolgada
Mas senti uma solidão
Pois o trem não chegava

Com mais um tiquinho de esperança
Esperei com confiança
O trem não chegou e
Meu coração se quebrou

A estação foi onde tudo começou
Mas infelizmente acabou
Nos nossos corações ficou
Saudade apenas nos restou
Heloísa Coco

OURINHOS

Trilhos e estradas cortaram caminhos para o transporte do café, da madeira e, em Ourinhos, também do açúcar. Essa foi a história dos interiores de São Paulo, onde o desmatamento foi acelerado, dando lugar à urbanização e ao crescimento de muitas cidades.

Ourinhos nasce também dessa história, regada pela riqueza gerada pela produção do café.

Desde 1908, quando foi instalado um posto da Estrada de Ferro Sorocabana – que mais tarde se tornaria a Estação Central –, a linha do trem foi muito importante para o aumento de serviços urbanos, como o transporte coletivo.

O prédio respira um tempo de muitas memórias e, hoje, visitar a estação é como entrar numa máquina do tempo: suas paredes que guardam a luz de outras épocas, suas plataformas que guardam os passos das gerações passadas.

Ouro em pó que nasce da terra, o café, nosso tesouro
Unindo histórias de gente simples, em cada amanhecer e entardecer
Realidade moldada em trilhos e vagões, rumo ao mundo inteiro
Iniciando com coragem a primeira exportação que marcou o tempo
Na estação, os trens partem levando sonhos e café
Horizontes se abrem, e a cidade pulsa entre buzinas e esperanças
Orgulho de ser ourinhense
Somos todos parte viva da história: gente, ferrovia e o coração de Ourinhos.
Ana Julia Xavier Reis

Caminhar pelos trilhos silenciosos, observar os detalhes do prédio e imaginar o vai e vem de pessoas e mercadorias nos tempos da Sorocabana...

Criações poéticas, desenhos, acrósticos e tantos textos nasceram da pesquisa e dos momentos de observação na estação. Nossos pequenos autores descobriram que escrever pode ser uma experiência tão real e potente quanto sentir o calor do sol batendo nas paredes envelhecidas da estação.

Há quem sinta falta dos trilhos que nem conheceu e das viagens que não fez... Hoje, só os trens de carga seguem viagem.

Trilhos do esquecimento

Nos trilhos vou vagando
Nossa história ecoando

Penso em todas as viagens de trem,
Infelizmente nunca andei

Mas em meus sonhos embarquei
Com janelas que choram a saudade
E paisagens que gritam verdades

Cada apito ecoa seu nome
Cada estação, uma emoção
Entre os vagões do tempo perdido
Sigo com o coração partido.

E mesmo sem trilhos de verdade
Carrego em mim essa vontade

De seguir, de sonhar e de encontrar
O amor que um dia vai embarcar.
Ana Júlia Xavier Reis

RIO PARDO

EMEF Professora Amélia Abujamra Maron
Professores Milene Cardoso Gonzaga de Melo e Tiago Lucas de Souza
Sala 704

Foi pelas margens que os olhos atentos começaram a conhecer de verdade o rio Pardo. Em uma visita, o trecho do rio pertinho da escola virou sala de aula viva, onde o professor Tiago mostrou mapas, falou da nascente à foz, apontou o traçado do rio e chamou a atenção para a importância da preservação.

Houve até um momento de escuta do rio – silêncio, vento no rosto e o som da água. Alguns sentiram paz, como se as águas de fora conversassem com as águas de dentro.

Para completar, os estudantes recolheram lixo do local, cuidando do espaço de forma ativa, com as próprias mãos.

O rio Pardo deixou de ser linha no mapa e virou vizinho – alma líquida da cidade. A experiência transbordou em ilustrações, poemas e acrósticos: pequenas palavras contando muito sobre a beleza e os cuidados que o rio merece.

Respeito
Interessante
Orgulho
Paz
Água
Reflexão
Duradouro
Ouro
Emanuelle Silva da Palma

Relevante em nossa vida
Indispensável
Ourinhos
Paz
Atração
Responsabilidade
Duradouro
Ondulante
Sofia Alves de Moraes



Em outro momento, todos visitaram a Estação de Tratamento de Água (ETA) do bairro e aprofundaram a pesquisa na sala de aula, observando no Google Earth o percurso do rio Pardo desde o município de Canitar até sua foz, no rio Paranapanema.

Observaram, pelo traçado sinuoso das águas, a presença e também a ausência da mata ciliar e o ponto em que o rio Turvo se junta ao rio Pardo.

É o professor Tiago, que diz ser o rio Pardo a alma líquida da região, quem conta um pouco mais sobre a importância dessas águas:

O rio é usado para abastecer a cidade desde os anos 1960 e fornece até mais de 50 milhões de litros por dia. Corta a parte norte de Ourinhos e está acessível o dia todinho, ideal para pesca, esporte aquático e banho, embora nem sempre esteja 100% limpo.

Diante de sua importância histórica, ambiental e social, o rio Pardo representa muito mais do que um curso de água que atravessa Ourinhos: ele é parte vital da identidade da cidade e da qualidade de vida da população. Cuidar dele é garantir água limpa, equilíbrio ecológico e um futuro sustentável para as próximas gerações. Mais do que um dever, a preservação desse rio é um compromisso com a vida e com a memória de uma cidade que nasceu às suas margens.

Professor Tiago Lucas de Souza

As pesquisas sobre o rio Pardo despertaram não só o conhecimento, mas também a sensibilidade. Ao observar o curso das águas, escutar seu som e refletir sobre a importância para a vida, muitos passaram a sentir o rio mais próximo.

Dessa vivência, nasceu o desejo de transformar sentimento em palavra: é com poesia que todos responderam aos ensinamentos do rio.

O rio da gente

Os rios são importantes para a sociedade
Eles ajudam a nossa sede matar
Os rios nos fazem viver com felicidade
Por isso deles devemos cuidar
O rio Pardo é maravilhoso de se ver
Ele nos traz paz e alegria.

As pessoas e os animais precisam dele para sobreviver
É imprescindível para nosso dia a dia
É responsabilidade de todos do rio cuidar
Se agirmos com responsabilidade
Esse patrimônio vamos preservar
E sempre teremos muita diversidade.

Produção coletiva

FEIRA AGROPECUÁRIA E INDUSTRIAL – FAPI

EMEF Professora Amélia Abujamra Maron

Professores Jacqueline Barros Francisco e Marcos Antonio do Nascimento

Sala 906

Uma feira anual... um dos eventos mais esperados da cidade. O Parque Olavo Ferreira de Sá, espaço grande com muito verde, se transforma para receber visitantes de várias cidades. Durante a feira, o local ganha vida: há exposição de animais, tratores e maquinário, comidas típicas, música ao vivo e parque de diversões.

É como se, por alguns dias, o parque fosse o coração que pulsa animando toda a cidade!

Antes de visitar a Fapi, os alunos pesquisaram a história e os bastidores da feira. Com o professor Marcos como guia, fizeram uma visita ao parque ainda vazio, observando sons, cheiros e detalhes do espaço. Depois, durante o evento em junho, puderam novamente vivenciar a Fapi em funcionamento, enriquecendo muitas percepções!



A Fapi é conhecida nacionalmente, pois temos brinquedos, culturas, comidas, o Mogno (que é uma tora grande e grossa) que veio do estado do Pará como um troféu para mostrar a grandiosidade da árvore.

A Fapi também era conhecida por leilões de vacas, dos quais somente os grandes fazendeiros podiam participar. As vacas eram belíssimas, bem cuidadas, e as principais, caríssimas.

Luiz Henrique Apolinario

Um ponto marcante do local é a escadaria, que tradicionalmente separa o parque de diversões do local onde ficam as barracas de alimentação e de exposição.

A escadaria é ponto de encontro, de descanso, e pode até ser palco de história de amor! Há um anúncio que, sozinho, explica por que a Fapi é mais que feira: “Fulano te espera na escadaria do parque.” Quem já ouviu o próprio nome soar pelos alto-falantes sabe que ali, entre luzes, barracas e o cheiro doce de pipoca, a cidade se encontra.

Os alunos ocuparam o espaço durante a visita e aproveitaram o cenário para fotografar boas recordações. A escadaria também figurou como tema central do texto coletivo que a turma escreveu!

Não sei exatamente por quê, mas toda vez que escuto alguém falar da Fapi, eu me vejo lá, sentado na escadaria do parque, esperando. Esperando por quem? Talvez por alguém que nunca chegue. Ou talvez por uma lembrança.

Meus pais sempre falam da Fapi como se fosse algo mágico. Dizem que a cidade se transformava, que todo mundo se preparava semanas antes, que até as roupas eram compradas só para usar lá. “Era como um ensaio geral pra felicidade”, meu pai brinca. E eu fico imaginando: como deve ter sido viver tudo isso?

Minha mãe disse que foi lá que ela conheceu meu pai. Eles se encontraram bem ali, na escadaria. Foi ele quem ofereceu uma maçã do amor. Ela aceitou. E pronto: foi amor de parque. Na escadaria do parque, a gente esperava os amigos, a família, o namorado ou namorada. Era ponto de encontro. Se alguém se perdesse, não era problema – o locutor logo chamava no sistema de som. E, de quebra, ainda passava uns recadinhos engraçados de alguém dizendo: “Fulano, te encontro na escadaria do parque.” Era sempre lá. A escadaria era o ponto de encontro.

Produção coletiva



Conversas com os adultos que já viveram muitas edições da feira foram muito legais para entender a sua importância. Afinal, desde a década de 1970 o evento já acontece no parque e ainda é considerado a maior feira agropecuária de portões abertos do Brasil.

São muitas história armazenadas na escadaria do tempo!

Como o histórico show de Roberto Carlos em 1988, debaixo de chuva, e a inesquecível cena da infância da professora Luciana – formadora de história. Enquanto o rei cantava, ela chorava ao ver o presente que seu pai lhe deu, um balão de gás em forma de coração, escapar das suas mãozinhas.

Hoje, a Fapi ainda acontece. Tem brinquedo, tem música, tem gente. Mas eles dizem que antes era mais... sei lá, mais vivo. Tinha boi, cavalo, leilão, cheiro de mato e de pipoca misturados. As crianças ficavam em choque vendo a Monga virar gorila.

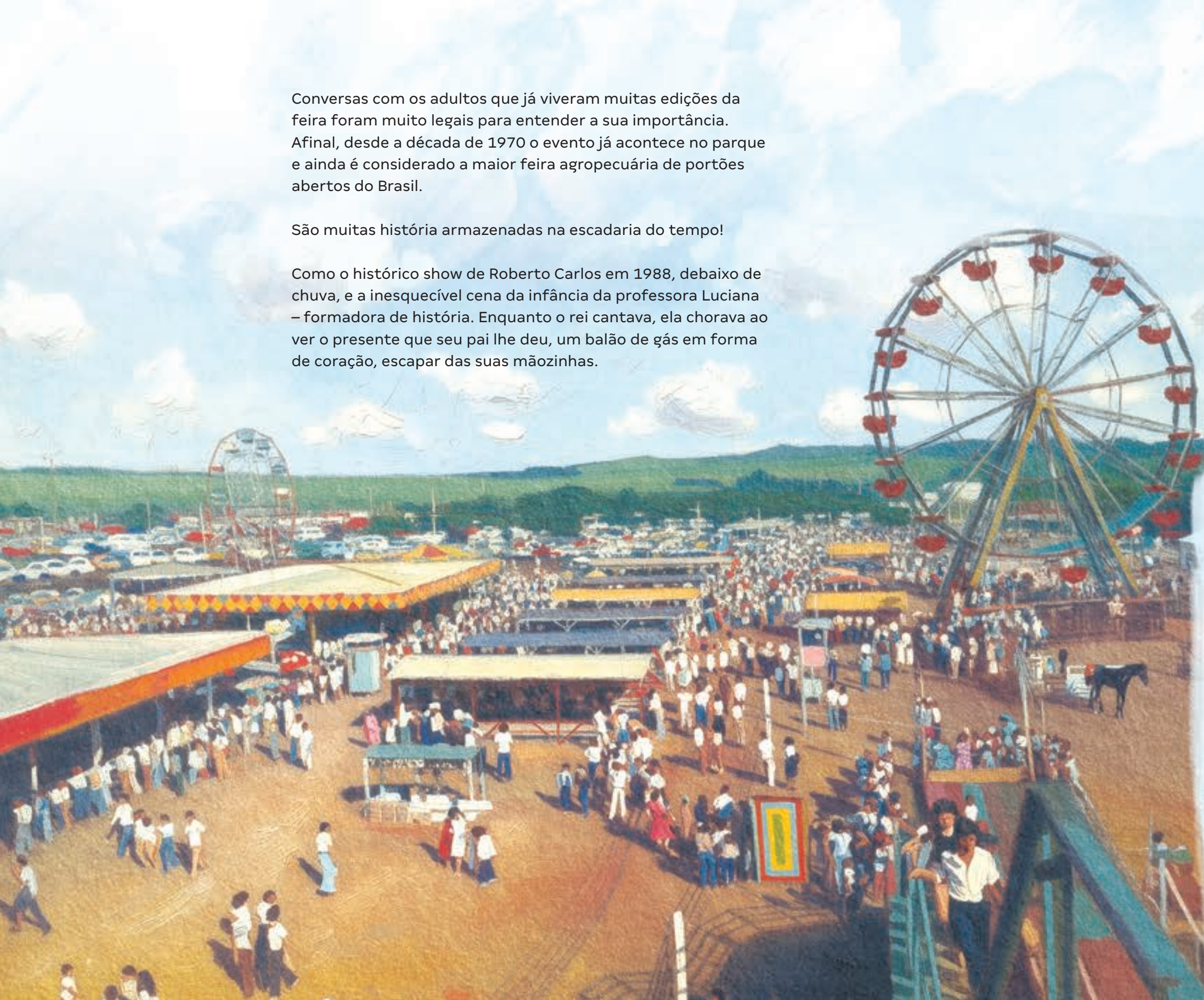
Acho legal que a feira faz parte da cidade. É como se ela tivesse alma. Todo mundo tem uma história ali. Teve gente que veio de longe só para conhecer. E voltava no ano seguinte, porque era bom demais. Dizem que até Roberto Carlos já cantou por lá, mesmo debaixo de chuva. Imagina?

Hoje em dia são só cinco dias de evento. Ainda é bonito, tem música, tem comida, tem gente. Mas, pelo que ouço, antes era mais do que uma feira – era a cidade em festa, inteira, como uma grande família.

E eu, que não vivi tudo isso, fico aqui. Sentado. Imaginando. Esperando. Te espero na escadaria do parque.

Para ver se a gente se encontra com o passado, ou quem sabe com o futuro. Porque enquanto tiver feira, tiver gente e tiver memória... a Fapi vive. E eu continuo esperando.

Produção coletiva



Além da famosa escadaria, outros elementos chamaram a atenção ao longo da visita e das pesquisas sobre a Fapi. Os cavalos ganharam destaque, já que a feira conta com atividades como a tradicional cavalgada e as exposições de animais.



Um tronco de Mogno, que viajou do Pará até Ourinhos, também chamou atenção, como o Luiz Henrique adiantou no começo do capítulo. Madeira nobre da região amazônica, o mogno é muito valorizado por sua beleza e durabilidade. Por muitos anos, foi explorado de forma intensa, o que nos faz pensar sobre a relação entre desenvolvimento, desmatamento e a importância de cuidar das nossas florestas.

Vimos que lá havia leilão de gado nos pavilhões. Lá tem cavalos muito bonitinhos, fiz carinho neles e algumas pessoas até andaram a cavalo. Também tem uma madeira chamada Mogno que foi tirada da Floresta Amazônica no estado do Pará e veio para Ourinhos numa viagem longa de caminhão. Descemos no lago e tiramos muitas fotos, tivemos um momento legal para distrair.

Vitória Larissa Ferreira Simões

Fomos ver o Mogno, um tronco que os pecuaristas trouxeram como troféu do Pará, e depois fomos ver os cavalos, demos comida para eles. Eu vi um pônei muito lindo que é branco e marrom. Depois descemos para o lago e tiramos várias fotos, voltamos para cima e fomos comer o lanche e depois fomos fazer o vídeo e voltamos para a escola.

Daniel Ferreira Furtado

CENTRO COMERCIAL OURINHOS PLAZA

EMEF Professora Amélia Abujamra Maron
Professora Fabiana Plito
Salas 605 e 606

A cidade é viva! Foi o que todos perceberam ao pesquisar as mudanças que ocorreram no bairro Vila Boa Esperança: região próxima ao centro de Ourinhos, hoje bem agitada pelo comércio.

Nas décadas de 1950 e 1960, a área tinha uso industrial e forte ligação com o setor agrícola. Ali funcionava uma indústria, que produzia óleo a partir do caroço do algodão e de grãos como a soja.

Junto com a professora, os alunos viajaram por imagens antigas da cidade, que despertaram muito interesse e espanto: como os espaços podem se transformar tanto com o tempo?!

Um dos símbolos do passado agrícola era o famoso silo, estrutura para armazenar grãos, apelidado de “pendrive gigante”. Ele ficava bem em frente ao Ourinhos Plaza e foi demolido para a construção de um supermercado.

O antigo espaço industrial e agrícola foi dando lugar a uma zona urbana movimentada, onde hoje pulsa o centro comercial da cidade.

Na cidade de Ourinhos, tão cheia de tradição,
Uma turma animada saiu pra animação
Foram lá no shopping, pequeno, mas moderno,
Num dia de alegria, que vai ficar eterno.

O shopping foi construído há pouco anos,
Hoje é centro de compras e encontros humanos.
Mas ali no passado o cenário era outro,
Um silo gigante de concreto muito grande.

Lá passava o trem, carregando os grãos,
Movimentava a cidade com seus vagões
Hoje o shopping dá emprego e lazer,
Com cinema, comida e vitrine pra ver.

Os alunos andaram com olhos brilhando,
Todos se encantando.
Pois nunca tinham ido em um lugar assim,
Tão cheio de vida, tão cheio de “sim”.

Produção coletiva



As turmas foram conferir pessoalmente o Ourinhos Plaza.
Onde antes se empilhavam grãos, hoje se penduram vitrines.
O silo – “pen drive” gigante na lembrança dos alunos – cedeu
lugar ao fluxo de lojas, empregos e encontros.

Durante a visita, entrevistaram lojistas e descobriram
histórias interessantes.

Em meio às conversas, uma surpresa: encontraram uma ex-aluna
da escola, que agora trabalha lá. E entre os lojistas, um deles
ganhou o coração dos entrevistadores: foi o seu Miguel!

Na loja de skate, um encontro marcante,
Com um senhor gentil, de fala contagiante.
Seu nome é Miguel, comerciante e guerreiro,
Dono da loja, exemplo verdadeiro.

Contou que na capital foi trabalhador,
Metalúrgico forte, homem sonhador.
Veio pra Ourinhos com fé no peito,
Trouxe o skate, um novo conceito.

Foi dos primeiros a acreditar,
Que esse esporte podia ensinar.
A cair e levantar com persistência,
A ter foco, coragem e resistência.
Disse aos alunos com grande paixão:
“Estudem bastante com dedicação.
Tenham disciplina, busquem o saber,
É isso que vai fazer vocês vencer!”

Com olhos atentos a turma escutou,
A história de luta que ele contou.
Saíram dali com mais inspiração,
E um novo orgulho no coração.

Esse passeio ficou na memória,
Marcado para sempre na linda história.
E o livro da cidade vai registrar
Que aprender também é se encantar.
Produção coletiva



Parecia até que o seu Miguel estava esperando a visita dos estudantes.

Para a surpresa de todos, ele tinha guardado numa gaveta, dentro da loja, o boletim escolar de quando ele era criança e mostrou para todo mundo!

Só quem tem orgulho das notas guarda com tanto carinho o boletim, não é não?

No shopping tem a New Age
O dono é o seu Miguel
Lá tem muitos skates
O Miguel nos mostrou um papel
Era o boletim dele, era um aluno bom
Vamos levar isso para o cordel

O shopping melhorou a vista
Pessoas conseguiram empregos
– o que deixou a vida menos sofrida
A vida ficou mais colorida
Melhoraram vidas feridas

No Shopping Plaza
há diversos empregos
que as pessoas têm apego
houve muitas mudanças
um lugar legal para as crianças.

Produção coletiva

Toda mudança tem
seus efeitos na cidade!
A chegada do centro
comercial teve alguns
impactos positivos como
mais vagas de emprego,
aumento de pessoas
circulando pelo local e o
crescimento do comércio.

Nossa cidade era tão sem graça.
Os únicos lugares legais eram as praças.
Não tinha muitos lugares para emprego
E a cidade era pequena.

Em 2019 começaram a construção
Não sabia o que viria, mas ouvia boatos
Alguns falavam que era shopping, outros não.
Depois de meses ficou pronto.

O shopping estava finalmente pronto
Junto dele veio empregos
Veio a diversão
Logo após isso a cidade aumentou.

Produção coletiva



MUNDO DO TRABALHO – MEMÓRIAS DA EJA

EMEF Professora Amélia Abujamra Maron
Professor Marcos Antonio do Nascimento
Educação de Jovens e Adultos (EJA)

O trabalho movimenta a cidade – e também as memórias! Ao investigar o mundo do trabalho, o pessoal da Educação de Jovens e Adultos (EJA) teve a oportunidade de olhar para a própria trajetória e valorizar a sua história.

Muitos começaram a trabalhar ainda bem jovens, deixando a escola para ajudar a família. Relembrar essas trajetórias fez a turma pensar em como a educação de jovens e adultos pode abrir novos caminhos, como uma chance de sonhar e conquistar um novo lugar.

A visita ao Senai foi um momento importante: descobrir os cursos técnicos e conversar sobre qualificação fez muita gente olhar o futuro com mais vontade.

Fomos a um passeio no Senai de Ourinhos, que é um ambiente voltado à qualificação de trabalho. O Senai ajuda jovens e adultos a terem um curso profissional voltado a áreas como confeitaria, solda elétrica, corte e costura, automobilística, TI, informática, eletrônica residencial e predial. Ao final do curso, a pessoa já sai pronta para trabalhar.

Foi uma noite gratificante, em que a aprendizagem foi sobre qualificação de profissionais. Lá vimos que a modernidade está avançada, que antigamente não tínhamos essas máquinas como vimos lá.

Hoje, temos cursos profissionalizantes. Antigamente não se precisava de curso para trabalhar. Hoje, sem um curso, não chegamos a lugar nenhum.

Renata de Abreu Pinto





Durante a visita ao Senai, muitos lembraram de suas antigas experiências com serviços manuais e ferramentas simples, e se impressionaram ao ver as tecnologias modernas presentes nos cursos.

A comparação entre o passado e o presente surgiu naturalmente: antes, tudo era mais braçal e hoje toda área envolve computadores e equipamentos sofisticados.

Essa diferença despertou curiosidade e vontade de seguir aprendendo para acompanhar as mudanças e aproveitar as novas oportunidades.

Hoje aprendemos sobre soldagem, motores, sala de informática. No meu tempo de trabalho era muito diferente, trabalhei muito no serviço braçal, era com ferramentas. Já hoje é muito diferente, tudo computadorizado. Hoje aprendi muito, foi muito bom.

Maria Roseli Pinto do Nascimento

Conhecemos várias máquinas e demais coisas, como motor do carro, máquinas de costura, soldas, elétrica e confeitaria. Achei muito legal e também achei muito importante, pois o Senai ajuda muito. É bom para ter conhecimento e experiência, porque nos trabalhos de hoje em dia tem muitas máquinas nas indústrias ou em qualquer outro trabalho.

O trabalho mudou muito: no passado era tudo manual e as pessoas não tinham como aprender rápido porque não havia cursos. E agora tem, graças ao Senai, que ajudou com esses cursos e abriu muitas portas de emprego e ainda continua abrindo.

Bruno Muriel Mendes Feliciano

Entre os visitantes, alguns já conheciam o Senai e guardavam lembranças. Alguns já tinham feito cursos ali anos atrás, outros recordaram com carinho da trajetória de filhos e parentes que conseguiram o primeiro emprego graças à formação que receberam.

Esses relatos trouxeram um ar de familiaridade ao passeio. Ver de perto os espaços, as máquinas e os cursos reacendeu o desejo de continuar aprendendo e despertou orgulho em quem já teve essa vivência. Foi um momento de reconhecimento, em que os estudantes se viram como parte de uma história de formação e transformação.

Numa cidade como Ourinhos – onde a maioria dos empregos está no comércio, nos serviços e na indústria –, se preparar para o trabalho faz muita diferença para o crescimento da região!

Eu já fiz cursos no Senai de caldeiraria, soldador e informática, mas pretendo fazer mais cursos para poder entrar no mercado de trabalho, como um curso em mecânico. Eu trabalhei de borracheiro quando era mais novo. Na mecânica tem uma parte que era a mesma coisa que na borracharia, como trocar pneu.

Wagner Luiz M dos Santos

São tantas histórias contadas, tantas coisas que passaram na minha cabeça quando vi aquelas máquinas que ofereceram tanta capacitação para o meu filho, que frequentou aquela escola com 14 anos. Dali ele saiu formado e conseguiu seu primeiro emprego. Quantas lembranças me vieram à cabeça, quanta recordação.

Uma cidade se faz com aprendizado, com qualificação. Que possamos aprender e nos surpreender cada dia mais com a evolução e a qualificação.

Leila Regina Garcia dos Santos





Refletir sobre o mundo do trabalho foi também refletir sobre as novas portas que podem se abrir. A experiência mostrou que nunca é tarde para aprender e que todos têm o direito de crescer, de se qualificar e de participar ativamente da construção de uma cidade mais justa. Estudar é reconstruir o próprio destino.

Olá, me chamo Luiz e tenho 17 anos. Achei muito interessante a experiência de hoje, gostei muito do sistema de ensino e principalmente dos instrutores – eles fazem um ótimo trabalho nas explicações. Eu trabalho desde os meus 11 anos de idade. Eu nunca achei nenhum trabalho que realmente me empolgasse. Já trabalhei de servente de pedreiro, assistente de operador de serralheria, operador de grua, assistente de azulejista, assistente de mecânico, qualificações de produtos no mercado digital e atualmente trabalho como atendente.

Espero poder participar dos projetos Senai pois acho que talvez eu possa encontrar um bom trabalho.

Luiz Augusto Fontes Felipe

BAIRRO JARDIM ITAMARATY

EMEF Professor José Alves Martins

Professoras Maria Antonieta Vaz Cardoso, Victoria Helena Borsa Piroli e Arieta Morgado

Salas 705 e 807

Que ruas recebem nossos passos a cada dia?

Olhar com mais curiosidade o bairro Jardim Itamaraty é um convite! Afinal, o bairro que a gente atravessa todo dia também nos atravessa.

Mais do que o bairro da escola, mais do que um bairro com casas, praças, igrejas e córregos, o Itamaraty foi revelando suas histórias, seus afetos e suas feridas.

Pouco a pouco, o que parecia rotina começou a ser vivido como caminhada de descoberta. E olha só! A caminhada foi lá longe, chegou às memórias da avó da Gabrielle:

Eu entrevistei a minha avó descendente de italianos, e ela me contou que chegou ao Itamaraty em 1983 vinda de Jacarezinho, cidade do norte do Paraná.

Ela escolheu Ourinhos porque era um lugar melhor para emprego. Veio junto com meu avô e lá eram casados. Ela, dona de lar, e ele, pedreiro.

A paisagem do Itamaraty era de barro e mato. Não tinha cultivo e havia apenas dez casas construídas. Meus avós andavam com sacolas plásticas nos pés, para não sujar com o barro quando saiam.

Levavam os filhos para estudar na Vila Odilon, porque, no bairro do Itamaraty, não tinha escola, nem posto de saúde.

Eles deixaram uma mensagem dizendo que o bairro teve bastante progresso nesses 40 anos. Hoje, o Itamaraty tem de tudo: “virou uma cidade”.

Gabrielle Brustolin da Silva

A pesquisa sobre o bairro começou com um movimento delicado de escuta e percepção, como quem aprende a ver de novo um lugar por onde passa todos os dias.

Foi nesse chão conhecido que nasceram as primeiras ideias para textos e desenhos tendo o bairro como cenário e até como protagonista.

A Igreja São Francisco de Assis foi um dos pontos que chamou a atenção de todos. Vamos conhecer um pouco a história dessa construção?



No ano de 1979, a família de um senhor chamado João Tavares veio morar no bairro do Itamaraty. Ele começou a rezar o terço em família por alguns anos, até que ele e outras pessoas formaram uma comissão de obras para a construção de uma capela, já que não havia uma igreja no bairro.

Um dos membros da comissão doou um terreno para o início das obras. Após isso, a comunidade se uniu e passou a promover eventos a fim de conseguir mais dinheiro para a construção.

Aos poucos, a comunidade viu o seu sonho realizado com a compra de outros terrenos ao redor do inicial. A partir da ajuda de todos, que trabalharam inclusive nos finais de semana, a igreja foi erguida.

Seu piso é um mosaico de cacos, feito de doações de materiais de outras construções, cada um com tamanhos e cores diferentes. Ficou muito bonito!

A igreja chama-se São Francisco de Assis. Ao chegar, à esquerda, observamos uma pintura do santo e, à direita, uma torre que contrasta com o céu azul. Há muitas janelas pelas quais entra a luz do Sol. A igreja é muito cheirosa!

Produção coletiva

Durante as pesquisas sobre o bairro, aconteceu uma dinâmica com dois convidados bem especiais: um morador do bairro e um poeta de Slam, poesia falada de rua, direta e forte, que mistura arte e resistência.

O bairro é bonito e tem a Marvi,
que é doce em uma realidade amarga
e, enquanto a sociedade vende frieza,
ela vende sorvete.

Miguel Morgado

Você aí desenrola para mim,
o que rima com Escola José Alves Martins?
Quando toca o sinal,
faço fila e vrau.
Em frente.
A melhor lição da escola
fica no coração da gente.

Nicolly Fernanda Cardoso Antunes Pedroso

Inspirada por esse encontro, a turma criou um mural com palavras-chave, desenhos e sentimentos sobre o Jardim Itamaraty. A escrita foi surgindo: palavras nascidas do cotidiano, do olhar e da voz dos próprios alunos. Gabriela e Gabrieli aproveitaram para recitar sobre o território com uma pitada extra de amor pela escola:

O bairro é amado e incompreendido, bairro temido,
um bairro encantador com seu esplendor, é muita agitação.
Bairro com nossa feição.
O asfalto combinaria se colocasse placa e semáforo.
Para não andar acelerado.
Mesmo com os seus problemas temos nossos emblemas.
Somos a favor dos poemas.
Escola José Alves? E para não esquecer anota para mais tarde.
Porque aqui temos orgulho da nossa educação.
Fazemos nosso alarde.
Aqui se encerra nossa recitação.

Gabriela da Silva Porto e Gabrieli Alves dos Santos

Um momento marcante foi a visita ao córrego do Jacu, que atravessa o bairro e a vida dos moradores.

A paisagem, o estado do córrego, a história do lugar e até o barulho da água viraram matéria-prima para reflexões e para a escrita. A atividade terminou com um piquenique na praça, cheio de risadas e partilhas.



Oi, eu sou o córrego do Jacu, também conhecido como rio Jacu. Estou localizado no vale médio do rio Paranapanema e atravesso o bairro do Itamaraty.

Antes de eu falar sobre o meu estado atual, vou contar sobre a minha origem. Quando o Brasil estava em sua fase do “Império do café”, existia ainda a Mata Atlântica nesta região, mas foi devastada para dar lugar a essa cultura e, posteriormente, à cana-de-açúcar e ao milho. As terras sempre foram férteis e avermelhadas, conhecidas por terra roxa, resultado da decomposição do basalto. Os trabalhadores rurais, ouvindo os imigrantes italianos falarem tierra “tendente al rosso”, entendiam como “terra roxa”, nome que permaneceu. As minhas águas foram importantes nesse processo de desenvolvimento de atividades econômicas.

O meu nome está relacionado a uma ave chamada jacu que se alimenta de grãos de café, tornando-se uma “aliada” na produção de um café raro e valioso.

Enfim, agora estou muito molestado e poluído com restos de animais em decomposição, com móveis e até com restos de entulho que acabam assoreando o meu leito e contaminando as minhas águas.

Francisco Donato Rodrigues e Lorenzo Ramos Ferraz

ESCOLA PROFESSOR JOSÉ ALVES MARTINS

EMEF Professor José Alves Martins
Professora Karina Sampaio
Sala 702

Vamos agora abrir os portões da escola e dar uma espiada lá dentro?

Localizada no bairro do Itamaraty, a escola inaugurada em 2014 e adaptada para atender pessoas com deficiência ganha aqui uma atenção especial. Surge a oportunidade de redescobrir o lugar onde tantas histórias acontecem todos os dias. Entre cadernos e afetos, a escola ensina o essencial, ninguém caminha sozinho.

Os alunos mergulharam em lembranças, curiosidades e reflexões que fortaleceram o vínculo com esse espaço tão presente em suas vidas. Durante as conversas, surgiram ideias criativas como a produção de um acróstico com o nome José Alves Martins, homenagem ao professor que por cinquenta anos se dedicou ao ensino na cidade!

O envolvimento da turma cresceu a cada etapa do projeto. Os estudantes observaram com mais atenção não só a escola, mas também o que há ao redor dela – os comércios, as ruas, os caminhos do bairro que fazem parte da rotina.

Juventude
Oportunidade
Sabedoria
Estudantes

Aulas
Leitura
Vocabulário
Educação
Sonhos

Mestres
Admiração
Respeito
Tecnologia
Inteligência
Necessidade
Sucesso
Produção coletiva



Inspirados pela pesquisa sobre o bairro e a escola, a turma decidiu transformar o que sentiu em música. E foi assim, entre memórias, risos e reflexões, que nasceu uma paródia cheia de afeto da canção “Trem-Bala”, de Ana Vilela.

A letra original, que já fala da importância das pequenas coisas da vida, ganhou uma nova versão com as vozes dos alunos, que cantam sobre o cotidiano, as amizades, os desafios e os sonhos que os acompanham.

Trem-Bala

Nos finais de semana eu amo sair pra me divertir
Tenho tantos amigos aqui na rua que gostam de mim
Aqui nós brincamos nos dias inteiros de sol a sol
Na chuva dançamos e a felicidade recai sobre nós
É viver nesse lugar bonito
na cidade de Ourinhos que faz você sonhar
Então aproveite o momento
Veja pipas ao vento, que faz você imaginar
É sobre lembrar que foi nesse bairro que você cresceu
Seja no Pacheco, no Itamaraty ou no Pacaembu
É poder ter livros, e estudar com todo seu coração
Sempre é bom ter amigos para contar em todas as ocasiões

Produção coletiva



E não é que esse “Trem-Bala” foi ganhando novos trilhos nas vozes dos alunos? Na continuação da paródia, o enredo se aproxima ainda mais do cotidiano escolar – os amigos, as correrias e até os momentos engraçados que fazem parte da rotina.



A música virou um espelho do que acontece ali dentro, mostrando que a escola não é só lugar de prova e dever de casa, mas também de afeto e histórias que merecem ser cantadas. Foi assim que a poesia virou melodia e o dia a dia dos alunos se transformou em arte.

Quando chega segunda-feira
Vou para minha escola “José Alves Martins”
Vou correndo mas chego em ponto
“Qual seria a graça se não fosse assim?”
Chego à escola, vejo meus amigos e vou brincar
Amo esses momentos com sorrisos a compartilhar
A vida é sobre viver momentos que não voltam mais
Porque num piscar de olhos tudo ficou para trás
Aproveite cada momento
No seu bairro, lugar que te faz feliz
Que a vida é trem-bala amigo
E a gente é só passageiro prestes a partir
LAIÁ - LAIÁ - LAIÁ - LAIÁ - LAIÁ 2x
Aproveite cada momento
No seu bairro, lugar que te faz feliz
Que a vida é trem-bala amigo
E a gente é só passageiro prestes a partir

Produção coletiva



CERÂMICAS

EMEF Professor José Alves Martins
Professor Sidney Romani
Sala 801

A transformação da argila em telhas guarda muitas histórias e saber tradicional. Uma visita à Cerâmica Ouritelha – a mais antiga da cidade ainda em funcionamento – fez todos olharem de perto um importante pedaço da história e da economia de Ourinhos. Quem guiou a visita foi o Beto Dalaqua, um dos proprietários da cerâmica, da terceira geração da família à frente da empresa, cujo os fornos estão acesos há quase cem anos.

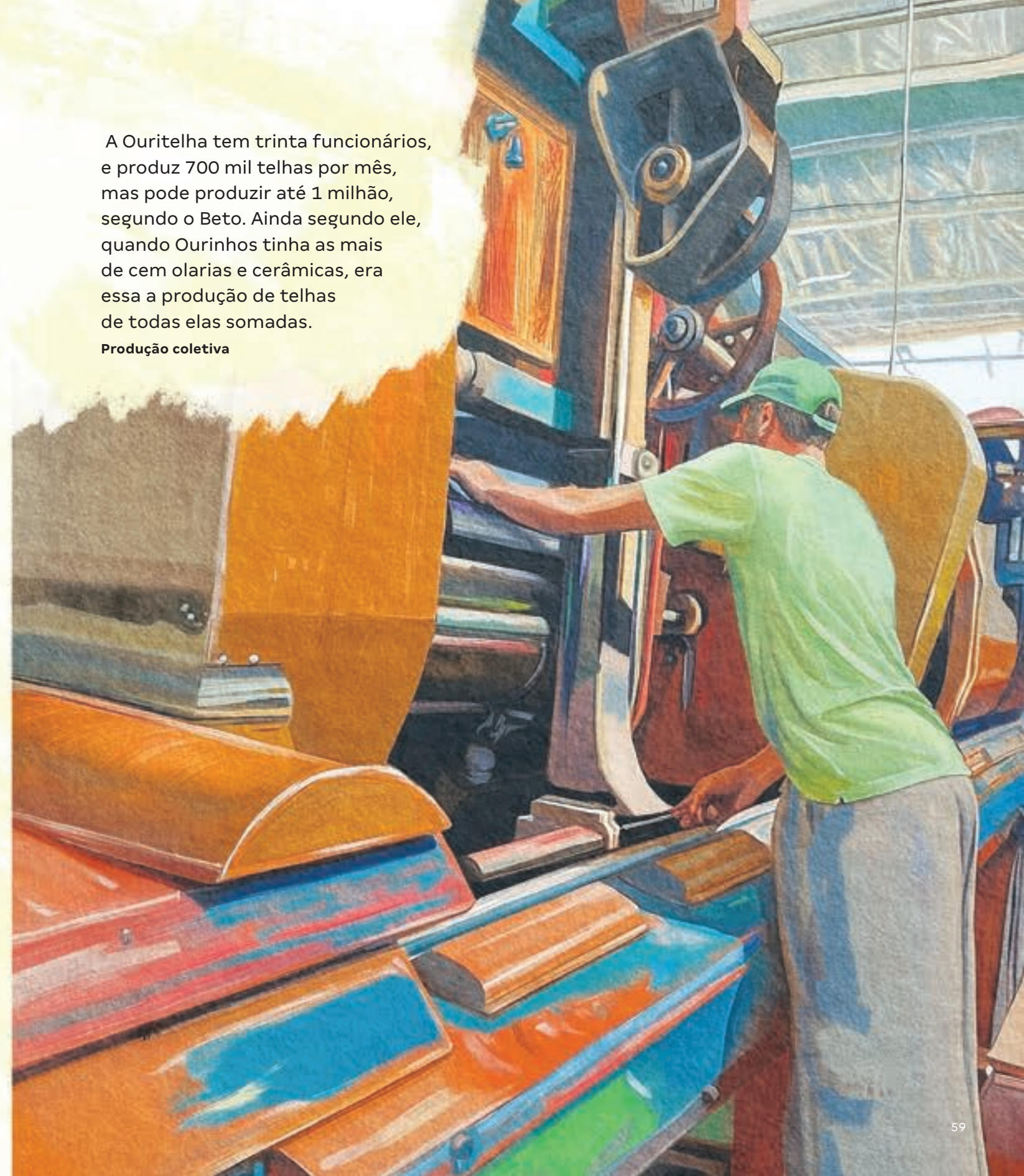
Todos nós estávamos ansiosos com a visita à cerâmica. Apesar de muitos de nossos avós terem trabalhado em cerâmica, a maioria de nós nunca havia entrado numa. Ourinhos chegou a ter mais de cem cerâmicas, e hoje tem apenas sete. Havia tantas cerâmicas em nossa região, que ela passou a ser conhecida na década de 1950 como Vila dos Chaminés. Quem nos falou isso foi o Beto, nosso guia, que mostrou e contou a história da cerâmica.

Produção coletiva

Os visitantes puderam comparar o trabalho artesanal de antigamente, feito totalmente à mão, com a moderna linha de produção automatizada que viram funcionando na cerâmica. Essa observação ajudou a entender, de forma concreta, o que foi a Revolução Industrial – um período da história em que as máquinas passaram a fazer o trabalho que antes era feito pelas mãos. Com isso, a produção ficou mais rápida, padronizada e em maior escala:

A Ouritelha tem trinta funcionários, e produz 700 mil telhas por mês, mas pode produzir até 1 milhão, segundo o Beto. Ainda segundo ele, quando Ourinhos tinha as mais de cem olarias e cerâmicas, era essa a produção de telhas de todas elas somadas.

Produção coletiva



Mesmo com tanta tecnologia, a visita fez todos perceberem que a natureza é quem manda no jogo! A argila pode acabar um dia, e por isso precisa ser usada com cuidado e extraída de forma responsável.

Outra medida para agredir menos a natureza é alimentar o fogo dos fornos com cavaco de eucalipto ou pó de serra, que são restos de matéria-prima das serrarias e das marcenarias da cidade.

Entre fornos quentes, máquinas em ação e muita telha sendo produzida, algo valioso foi percebido: é preciso misturar tradição e inovação em respeito ao meio ambiente.

A argila é a matéria-prima utilizada para a produção das telhas. O material é encontrado de forma abundante na natureza, sobretudo na bacia de rios. Mas a remoção de argila nas margens do rio Paranapanema é proibida, principalmente para proteger a mata ciliar, evitar a erosão e o assoreamento do rio e preservar a qualidade da água. Essa prática pode causar danos ambientais, afetando a fauna, a flora e a própria estrutura do rio. Por isso, contou Beto, a argila que usamos vem de Jacarezinho, cidade vizinha que fica no estado do Paraná, e de Barra Bonita.

Produção coletiva



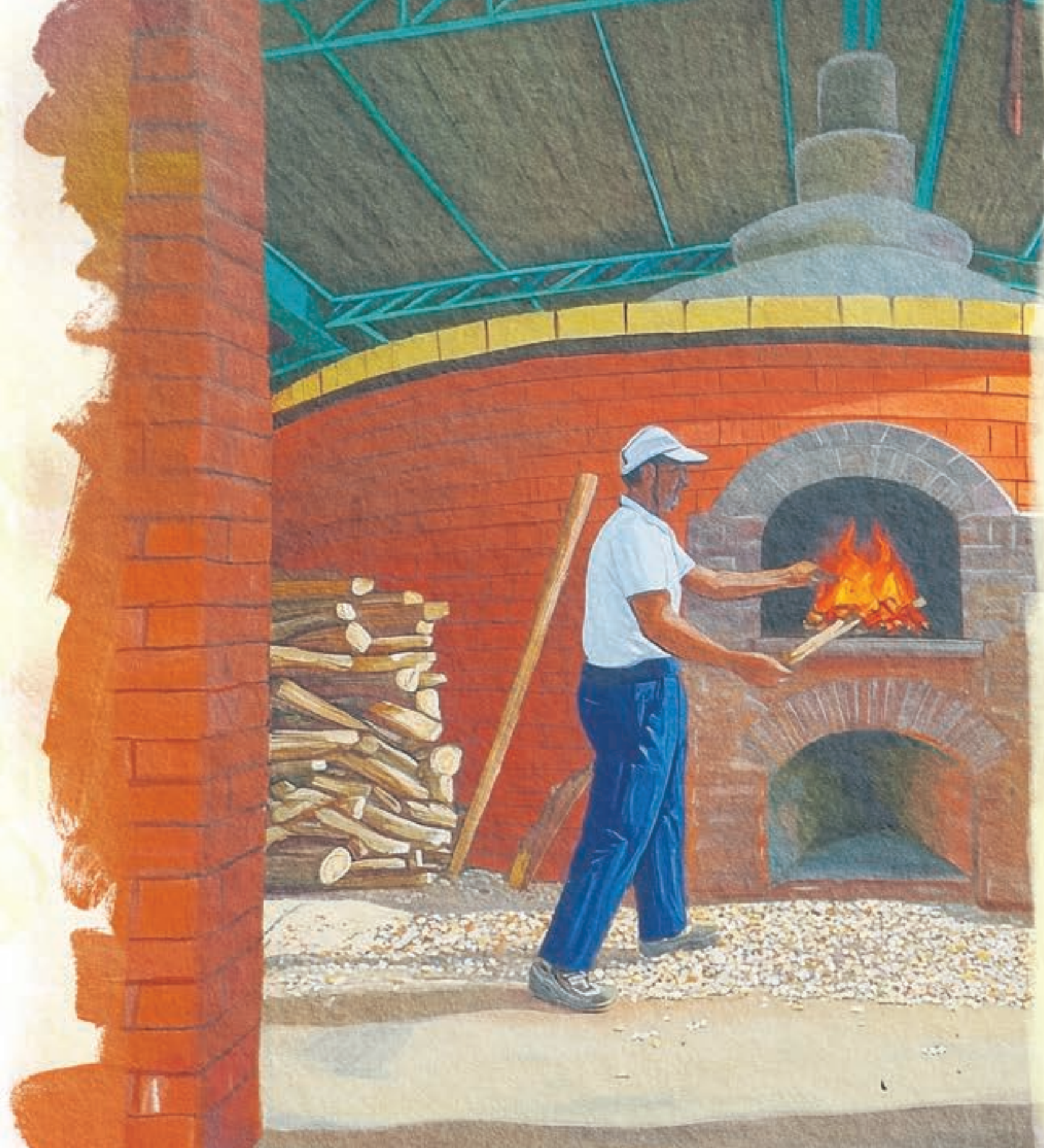
Quantas etapas acontecem numa olaria? Segundo os visitantes, foi possível perceber que tudo começa com a preparação da argila. Ela é triturada, misturada com água e, às vezes, até combinada com outros tipos de argila para garantir mais qualidade.

Depois, essa massa vai para uma máquina chamada extrusora ou maromba, como o Beto contou! Lá, a argila é pressionada, perde as bolhas de ar e ganha mais resistência. Em seguida, passa por um molde e é cortada em formato de telha por fios metálicos em uma esteira.

Depois disso, as telhas vão para as estufas, onde secam com muito cuidado para não racharem. E isso não é o fim... quando estão secas, vão para o forno, que chega a 800 °C! Todos ficaram impressionados com o calor que sai de lá. A temperatura tem que ser bem controlada e tudo é monitorado por sensores.

Com os fornos já frios, as telhas são inspecionadas e armazenadas: finalmente poderão seguir seu destino de proteger novas casas.

Tantos conhecimentos levaram os alunos a criar um acróstico com o nome da olaria – Ouritelha – utilizando os muitos vocábulos novos e curiosidades percebidas durante a visita!



fOrno
estUfa
pó de seRra
argIla
misTurador
cErâmica
teLha
cHaminé
mAromba

Brayan Gabriel Maioni do Nascimento,
Gabriela Nogueira Sales
e Kauan Rocha da Conceição

RIO PARANAPANEMA

EMEF Professor José Alves Martins

Professores Karolina Almeida Batistuci, Victoria Helena Borsa Piroli e Sidney Romani

Sala EJA

De volta às águas... A turma da EJA viveu uma experiência rica ao se aproximar do rio Paranapanema e refletir sobre sua relação com a história e a geografia de Ourinhos.

Ele nasce no estado de São Paulo, na cidade de Capão Bonito, e percorre quase mil quilômetros até desaguar no rio Paraná. Ao longo do caminho, ele serve como divisa natural entre os estados de São Paulo e Paraná. Além disso, abastece de água cidades do sul paulista e do norte paranaense.

A visita à beira-rio começou com uma noite especial nas dependências do Clube Diacuí. É ali que se ergue o monumento à Revolução de 1932. Foi nessa área histórica que aconteceram confrontos entre os revolucionários e as tropas do governo federal.

Caldos e causos fizeram parte do momento, em que cada um compartilhou memórias, lendas e contos passados de geração em geração.

Vamos ver o que Jeferson contou?

O Neguinho das Almas

Dizem os mais velhos que o tal do Neguinho das Almas aparece para puxar quem se acha valente no rio. É assim: ele pega aqueles que morrem afogados, sabe? Gente que se mete a nadador, mas mal sabe boiar.

Quando vai ver, o redemoinho aparece e puxa a pessoa para o fundo. E dizem que é o Neguinho que faz isso, só para mostrar que o rio não é brincadeira. Meu avô mesmo dizia: “Não confia demais na água calma não, que o Neguinho das Almas tá lá embaixo só esperando”.

Jeferson Fernando da Silva

Localizar os bairros em cartas topográficas de 1970 foi parte do reconhecimento da região e das relações estabelecidas ao longo do tempo com o Paranapanema.

Todos perceberam como a cidade cresceu: muitas regiões, hoje povoadas, eram ocupadas apenas com plantações de café. O rio costura mapas e memórias.

Foi interessante perceber também a expansão do município em direção ao rio Paranapanema.

Relatos cheios de humor e emoção revelaram como o rio faz parte da identidade dos ourinhenses – não só como paisagem, mas como elemento vivo na construção de histórias coletivas.

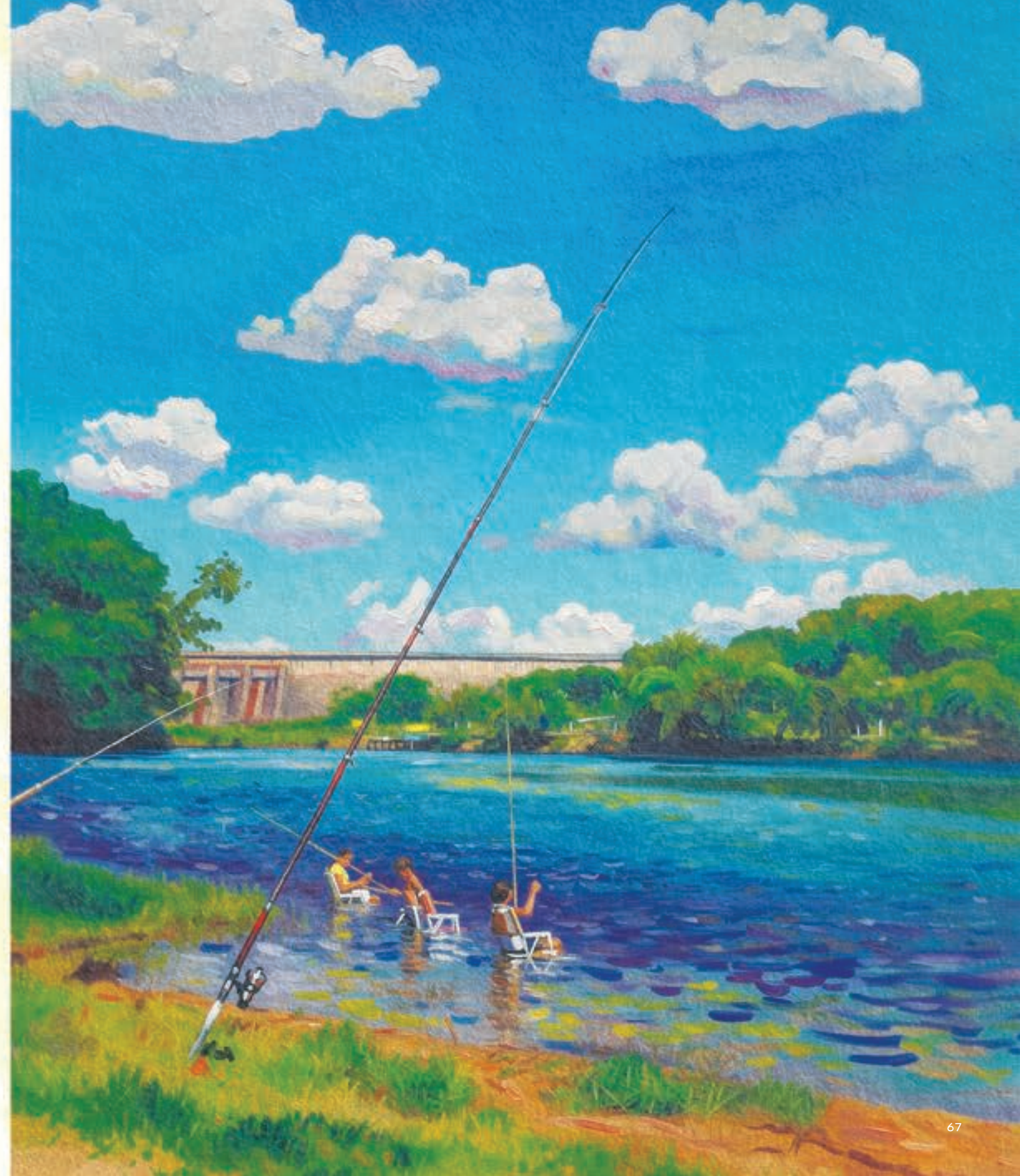
A pescaria assustadora no rio Paranapanema

Um dia, eu e meus amigos da turma fomos pescar lá na beira do rio Paranapanema, perto do Diacuí. A pescaria não estava indo muito bem, nada de peixe pegando.

A gente estava lá, jogando a carretilha na água, tentando fisgar algum peixe, quando do nada apareceu uma sucuri bem na nossa frente! Rapaz, foi um susto daqueles! A gente não pensou duas vezes, saiu correndo de medo que nem menino assustado.

Depois desse dia, ninguém mais quis voltar a pescar naquele lugar. A sucuri ganhou a fama de espantar a turma toda!

Rosa dos Santos Carmona





O “causo” é um tipo de história bem típico da cultura popular brasileira, principalmente do interior. Ele pode ser contado de forma oral ou escrita, e costuma ser curto, divertido e com um jeito informal.

Geralmente, o causo fala de coisas do dia a dia ou de experiências vividas, mas com um toque especial: exageros, situações engraçadas ou até meio absurdas, que deixam tudo mais interessante e divertido de ouvir ou ler.

Vamos ler mais um?

O pé de jaca assombrado

A minha tia morreu assassinada. E dizem que, quando tem um pé de jaca no quintal da casa, a pessoa que morreu querendo justiça ou com alguma mágoa, fica presa por ali, tentando voltar para dentro de casa. Dizem que, enquanto não cortarem o pé de jaca, o espírito fica vagando pelo quintal.

Nesse dia, eu estava com a minha avó, e a minha prima ligou chorando, dizendo que tinha alguém tentando entrar na casa... mas não era ninguém de verdade. Ela disse que via vultos e ouvia barulhos estranhos.

Mais tarde, eu e minha avó estávamos assistindo TV, quando bateram na porta três vezes. Fomos abrir... e não tinha ninguém.

Até hoje, ninguém esqueceu aquela noite. E o pé de jaca? Continua lá no quintal...

Tiago Evangelista da Silva

O lobisomen apareceu em muitos causos de um jeito bem assustador. Vamos abrir essa porteira da leitura?

Coragem!

No tempo da minha bisavó

A minha bisavó era indígena e morava numa região de São Paulo que, naquela época, era só terra e mato.

Lá no sítio, eles criavam muitos animais.

Depois que ela faleceu, a gente passou a morar com a minha avó, na casa que era da minha bisavó. E toda noite era um susto diferente...

Minha avó costumava levantar no meio da madrugada com a espingarda na mão. Ela dizia que escutava barulho estranho no galinheiro. A gente, que era criança, saía atrás dela – curiosa e com medo ao mesmo tempo.

Foi aí que a gente viu o lobisomem! Ele vinha comer as galinhas. Minha avó, valente, atirava para cima só pra assustar o lobisomem. A gente saía correndo e se trancava dentro de casa, morrendo de medo de ele querer atacar a gente também.

Sônia Desidério



O homem que virava lobisomem

Era o primeiro dia da Quaresma. Eu morava no Parque Minas Gerais, perto da escola Josefa Cubas. Um quarteirão antes de chegar em casa, tinha uma casa de madeira – que existe até hoje – e o pessoal dizia que o dono daquela casa virava lobisomem.

Nesse dia, eu estava descendo a rua e, quando cheguei perto da casa dele, escutei um barulho forte, estranho mesmo. Quando olhei para direita, vi um homem andando com o cotovelo arrastando no chão, e uma baba grossa escorrendo da boca. Aquilo me deu um medo danado! Pensei: “E agora? Volto ou sigo correndo?”.

Andreméia Francisca de Oliveira

HINO DE OURINHOS

EMEF Professor José Alves Martins

Professoras Cristiane Marta Pereira e Oliveira e Luciana Carvalho

Sala 802

Estudar o hino de uma cidade é também passear por sua história e por seus símbolos. Ao som do Hino de Ourinhos, os estudantes iniciaram uma jornada: com mapas nas mãos, traçaram um roteiro afetivo e cultural, escolhendo pontos da cidade que se conectavam com a canção.

A travessia aconteceu a bordo de um ícone ourinhense: o Trenzinho do Ricardo, que há décadas colore as ruas da cidade e as memórias dos que passeiam em seus vagões.

Os estudantes foram recebidos com festa por onde passaram, inclusive no gabinete do prefeito! Lá puderam conhecer a história dos gestores da cidade, tirar fotos e – vejam só! – até sentar na cadeira da liderança municipal.

Gostei muito do trenzinho, achei bem divertido por causa da música e por ser bem colorido. Gostei bastante das paradas e das curiosidades sobre Ourinhos, fomos em vários lugares, e um deles, o orelhão da Onça, me lembrou a minha tia falecida, então foi muito importante para mim. Fomos na prefeitura e sentei na cadeira do prefeito, gostei muito da vista do lago do parque centenário e adorei as fotos tiradas do passeio! Obrigada pelo passeio!

Yhasmin B. Ferreira



Foi um dia incrível. Nós conhecemos o prefeito Guilherme! Paramos na frente da Câmara, Monstrinho, Fapi, Royal Park, foi bem legal andar de trenzinho. Eu fiquei emocionada, pois o Trenzinho do Ricardo é uma tradição marcante na cidade e isso lembrou a minha infância. Mesmo no frio, foi um dia aquecido por diversão, curiosidade e memória.

Quezia Gabriely

A cada parada do trem, uma nova aula: sobre o café, a cana-de-açúcar, o transporte ferroviário, a arte, a natureza... memórias no ritmo pulsante do trem da vida ourinhense.

Depois dessa vivência, os estudantes foram convidados a transformar as suas percepções em poesia. A letra do hino, antes distante, foi se aproximando da realidade de cada um. Em clima de escuta e colaboração, as ideias foram tomando forma numa produção coletiva:

Um dia o filho da terra cantou
Trazendo beleza e simbologia,
Será para todo o sempre
Sua história e autoria.

Na terra que um dia foi café
E muita cana-de-açúcar,
Também tem progresso e indústria,
Tem comércio e labuta!

Ourinhos, canto e encanto,
Tem boa história,
Tem música, tem dança
Tem alegria e nostalgia.

Ourinhos, muitas vezes chora
Agora pela própria transformação,
Aqueles que um dia foram trilhos do orgulho e
deram o caminho,
hoje são meros detalhes na nossa velha estação!

Mas não se esqueça, Ourinhos!
Seu povo tem memória,
E para sempre estará
Gravada a sua história!

Produção coletiva



Além das produções coletivas, muitos colocaram no papel os próprios poemas, contando sobre o que mais chamou a atenção.

Vamos ler alguns trechos?

Ourinhos é como uma estação de trem,
Vai parando e pegando os passageiros
Sem olhar a quem,
Não se importa com a etnia, a identidade
Apenas importa-se com o outro, a felicidade,
Ourinhos, nosso tesouro!

Lorena Paula Luiz de Oliveira

Ourinhos, cidade do coração!
Com beleza e charme em cada olhar.
Rios que banham, campos que verdejam,
Um lugar acolhedor para se amar.

Ana Clara Pereira da Silva

Ourinhos, cheiro de terra, riso infantil,
Gente que luta e faz a cidade crescer.
Ourinhos, meu lar, um encanto para viver!
Um sorriso no ar, minha cidade, meu lugar.
Luz do sol na praça a brilhar,
Rios e campos, vida a dançar,
Ourinhos, sempre a encantar
Seus moradores e seus valores!

Yhasmin Bertolini Ferreira



E que tal lermos um trechinho do Hino de Ourinhos – esse que fez brotar tantas poesias nos cadernos e nos corações?

A letra nasceu quando Fernando Henrique Mella Riveiro, mais conhecido por Fernando Cavezzale, tinha apenas 23 anos. A ideia do autor foi conduzir um passeio pela história de Ourinhos, fazendo o ritmo do trem ecoar nas palavras – como se o próprio hino também estivesse em movimento, levando o amor por Ourinhos de estrofe em estrofe.

“Solo de terra tão roxa
De campos verdes cercados de água e céu.
Foste um dia café,
Hoje os horizontes são teus canaviais.
Pardos Panemas e Turvos,
Leitos que banham todos os dias teus.
Ourinhos, tu és majestoso esplendor.”

A natureza, cantada no hino, aparece também no poema do Kevin:

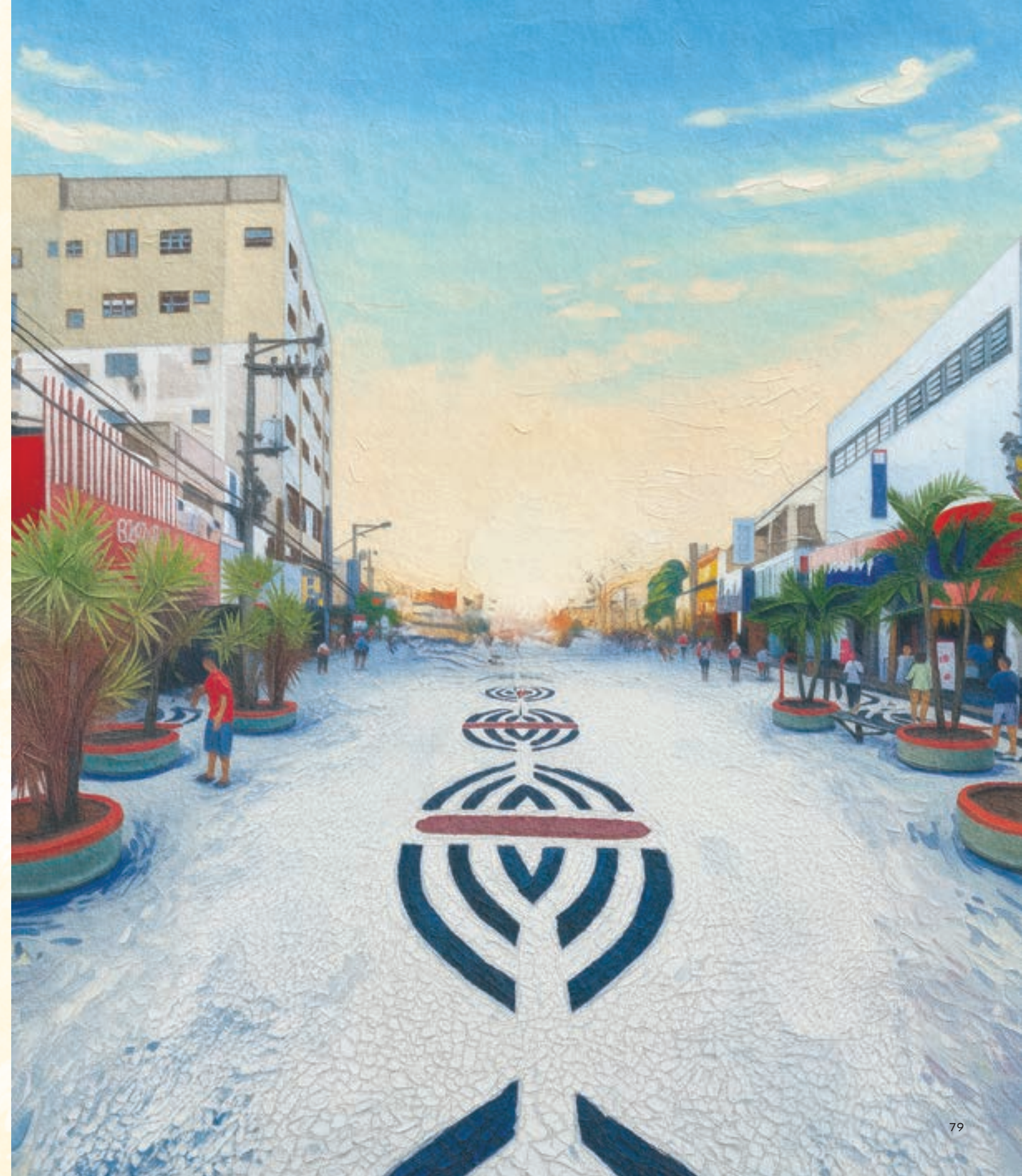
Ourinhos é minha cidade,
Berço de paz e união.
Aqui mora muita gente,
Que trabalha de coração.

Tem a terra tão roxa e forte,
Onde tudo pode crescer.
Já teve muito café,
Hoje a cana vem trazer.

Tem os rios Turvo e Pardo,
Tem o céu azul sem fim.
Tem o campo verdinho e calmo,
Tem futuro sempre assim.

Kevin Costa da Cruz

Banhados por rios, caminhando
em solo avermelhado, escutamos
ao longe o apito imaginário de um
trem e sentimos que é tempo de
partir. Ourinhos segue florescendo
debaixo de céu azul sem fim, e nós
seguimos juntos por essa aventura
de tornar Ourinhos, cada vez mais,
a cidade da gente.



Edição: Otavio Nazareth
Coordenação pedagógica: Giselle de Guimarães Germano
Assistência de coordenação: Michele da Silva Soares
Texto final: Sibélia Zanon
Ilustrações: Estúdio Rebimboca
Projeto gráfico: Daniel Brito
Assistente de design: Barbara Garcia
Revisão: Fernanda Alvares
Produção gráfica: Marina Ambrasas

1ª edição, 2025

A Editora não se pronuncia, expressa ou implicitamente, a respeito da acuidade das informações contidas neste livro e não assume qualquer responsabilidade legal em caso de erros ou omissões.

© Marta Góes e Olavo Costa, 2025
© Editora Olhares, 2025

Impressão: Leograf
ISBN: 978-65-6092-071-2



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha elaborada segundo a AACR2r

Z33o Zanon, Sibélia.
Ourinhos : a cidade da gente / organização Sibélia Zanon ; ilustrações
Estúdio Rebimboca — São Paulo : Olhares, 2025.
80 p. : il. color. ; 25 cm.
ISBN 978-65-6092-071-2
1. Literatura infanto-juvenil. 2. Escolas. 3. Patrimônio cultural. 4. Cidades.
5. Costumes. 6. Ourinhos (SP). I. Estúdio Rebimboca. II. Título.
CDD 028.5

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária
Renata Baralle – CRB-8/10366

apoio



parceria

produção
executiva



realização



Era uma vez Ourinhos. Um dia as crianças e os adolescentes que moravam lá perceberam que a história da cidade era a sua própria história... o rio Paranapanema, a Feira Agropecuária e Industrial, o bairro Jardim Itamaraty, e o Hino de Ourinhos, entre outros patrimônios, fazem parte dessa narrativa, investigada e escrita pelos estudantes das escolas municipais.

apoio

produção executiva

realização



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais



OLHARES



doble.
cultura

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO